



LA SEP IET PROFFECIONAL B7/000 P. 1

(c) Direitos autorais 1980 de Carlos Vogt. Direitos de publicação reservados pela Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia "Hucitec" Ltda., Alameda Jaú, 404, 01420 São Paulo, Brasil. Telefone: (011) 287-1825. Capa e diagramação de Olímpio Pinheiro. Serviços gráficos de A Tribuna.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP

V872L Vogt, Carlos, 1943-
Linguagem, pragmática e ideologia / Carlos Vogt. — São Paulo : HUCITEC ; [Campinas, SP] : Fundação de Desenvolvimento da Unicamp, 1980. (Coleção linguagem)

Bibliografia.

1. Lingüística 2. Pragmática 3. Semântica
I. Título.

CDD-410
-401
-412

80-1519

Índices para catálogo sistemático:

1. Lingüística 410
2. Pragmática : Linguagem 401
3. Semântica : Lingüística 412
4. Semântica argumentativa : Lingüística 412

Nota introdutória

Os sete artigos que compõem este livro foram escritos e publicados em diferentes épocas, a partir de 1973. São trabalhos cuja preocupação básica é, antes de tudo, a procura de expressão para alguns sustos e algumas intuições diante da linguagem humana, em particular diante das questões semânticas e pragmáticas envolvidas na e pela atividade lingüística.

Talvez não seja possível seguir uma linha horizontal de desenvolvimento que ate as pontas de cada artigo e conforme uma progressão linear das análises e reflexões aqui empreendidas. Creio, entretanto, ser possível, ainda assim, enxergá-los na perspectiva de uma certa unidade temática, que se vai escavando em espiral até apresentar-se claramente, se não como solução, ao menos como formulação explícita do reconhecimento da grande complexidade própria das línguas naturais. O aspecto mais perseguido desta complexidade é, neste caso, o da relação entre linguagem e ideologia. Em torno deste problema giram, de fato, os artigos. Em

Linguagem, língua e poder*

*Da semia
Do sema, do semema, do
semantema
Do lexema
Do clasema, do mema, do
sentema
Libera nos, Domine.*

(C. Drummond de Andrade,
"Exorcismo").

Em 1950, o *Pravda* do dia 20 de julho trazia em suas páginas uma longa entrevista com J. Stalin. Seu título: "A Propósito

*Publicado na revista *Contexto*, n.º 5, São Paulo, 1978, p. 105-116.

do Marxismo em Lingüística". Motivo: intervir no debate que no mesmo *Pravda* fora aberto em maio do mesmo ano entre os defensores e os adversários de Nicolas Yakovlevich Marr (1864-1934), linguista soviético, criador da Nova Teoria da Linguagem e de uma concepção da língua como fenômeno de classe. Objetivo: defender a autonomia da língua relativamente aos movimentos e transformações sociais, negando-lhe, conseqüentemente, qualquer compromisso de natureza ideológica.

Não pretendo entrar aqui em considerações específicas sobre a doutrina de Marr, nem insistirei nos exageros por ele cometidos. Preferirei, ao contrário, restringir-me ao trabalho, muito mais rico e sugestivo, de um de seus defensores, Valentin N. Volochinov, que juntamente com outros pesquisadores constituiu em torno de Mikhail Bakhtin, nos fins da década de 20, começos da de 30, um importante grupo de trabalho, cujo método ficou conhecido como o método sociológico¹.

Quanto ao texto de Stalin também não o discutirei exaustivamente, mas referir-me-ei, em particular, à sua concepção da língua como instrumento de comunicação e à noção, várias vezes repetida em sua entrevista, de que ela tem um fundo essencial representado pelo léxico e pela gramática.

O livro *Marxismo e filosofia da linguagem* — é de 1929² e não constitui, evidentemente, o adversário explícito a que se dirige Stalin. Entretanto, como Volochinov foi vítima dos expurgos stalinistas na década de 30, não será difícil perceber que as suas concepções, apesar de o autor ter sempre se apresentado como um teórico marxista da filosofia da linguagem, contrariam profundamente as

¹Além de Volochinov, participavam deste grupo os estudiosos de literatura P. N. Miedviédiev e L. V. Pumpianskiy, o biólogo I. I. Kanaiev, o escritor K. Vaginov, o musicólogo I. I. Solliertinsgiy, o hinduista M. I. Tubianski. Bakhtin, autor de obras fundamentais sobre Dostoievski e Rabelais, parece ter sido o verdadeiro autor das obras assinadas por Volochinov que, por razões de ordem intelectual e política, teria assumido pelo seu mestre, a responsabilidade de alguns de seus trabalhos, entre eles *Marxismo e filosofia da linguagem*.

²Farei as citações do livro pela edição em inglês, 1973. Há tradução para o espanhol, feita a partir da anterior; tradução francesa, 1977, com prefácio de R. Jakobson, no qual Bakhtin aparece como verdadeiro autor da obra, o que não impede que o nome de Voloshinov aí apareça, entre parênteses, ao lado do primeiro. Adoto aqui este procedimento que, aliás, é também adotado pela tradução brasileira, 1979.

naturezas oficiais que a linguagem deveria ter na Rússia de então.

Do seu texto privilegiarei as críticas que faz ao formalismo, a concepção do signo lingüístico como um signo matemático e ao que ele próprio chama objetivismo abstrato. Sob este rótulo, incluem-se no seu livro críticas ao racionalismo das gramáticas filológicas e universais, bem como a Saussure e a Bally, entre outros. Estendê-las-ei, sob minha responsabilidade, aos movimentos fundamentais que marcaram o desenvolvimento da lingüística no século XX, o estruturalismo e o transformacionalismo.

Para Bakhtin (Volochinov), o signo verbal só pode ser apreendido na sua totalidade se considerado dentro de seu domínio específico. Este domínio, como o de qualquer outro signo, coincide com o da ideologia:

“São domínios equivalentes entre si. Onde quer que esteja presente um signo, também está a ideologia. O ideológico possui sempre valor semiótico.” (p. 10)

E esta posição diante da natureza do signo lingüístico que se vê, de modo geral, criticada na entrevista de Stalin. Por outro lado, como as opiniões deste sobre a língua podem ser enquadradas dentro do que Bakhtin (Volochinov) chama objetivismo abstrato, *Marxismo e filosofia da linguagem* constitui também uma crítica *avant la lettre* às ortodoxas posições do então dirigente da União Soviética.

À primeira pergunta feita a Stalin sobre se a língua é uma superestrutura sobre uma base, ele responderá longamente para dizer que não, e resumirá a sua resposta, dando-lhe um cunho ideológico, da seguinte maneira³:

“a) um marxista não pode considerar a língua como uma superestrutura sobre uma base;

b) confundir a língua com uma superestrutura é cometer um grave erro”. (p. 9)

Em seguida, perguntado sobre se a língua tem um caráter de classe, ele responderá também negativamente, para chegar, enfim,

³Farei as citações da entrevista de Stalin pela sua edição em inglês, 1972, da Foreign Language Press, que, sob o título *Marxism and problems of linguistics* traz, além da entrevista de 20 de junho de 1950, as respostas de Stalin às cartas que lhe foram enviadas.

a uma afirmação positiva sobre o que considera efetivamente característico da língua. Aqui, Stalin dirá que a natureza da língua é instrumental e apontará a comunicação como a sua função precípua. O léxico e a gramática, apontados como garantia da estabilidade lingüística, constituem ainda a condição de identidade da língua consigo mesma.

Mudam os tempos, as relações sociais se transformam no seio de novas relações de produção, mas a língua permanece, antes e depois de qualquer revolução, como o atributo fundamental do homem comunicante, garantindo-lhe uma natureza cuja história é autônoma e cuja temporalidade é a da repetição circular de si mesma: a natureza humana.

Parece ser esta a posição sustentada por Stalin e, na medida em que afirma o caráter instrumental da língua, afirmará também que ela não se distingue dos instrumentos de produção, “por exemplo, das máquinas que indiferentes no que diz respeito às classes, como é a língua, podem servir igualmente ao regime capitalista e ao regime socialista.” (p. 6-7)

Esta neutralidade com que a língua é vista por Stalin adquirirá, mais adiante no texto, o tom de uma anedota e a força de uma ironia:

“Havia entre nós, num determinado momento, *marxistas* que pretendiam ver as estradas de ferro, que sobraram depois da Revolução de Outubro, como estradas de ferro burguesas; que não era conveniente, a nós marxistas, que nos servíssemos delas; que era preciso destruí-las e construir novas estradas de ferro proletárias. Por causa disso eles foram apelidados *trogloditas*.” (p. 17)

Se como piada a analogia tem sua graça, é preciso não esquecer que é a crença na identidade objetiva da língua consigo mesma que permite vê-la como objeto disponível para qualquer instrumentalização. Deste ponto de vista, a reificação da linguagem em língua é fundamental. Para isso é necessário que, em alguma região do seu modo de ser, seja possível atribuir-lhe uma essência, um fundamento indecomponível, um primitivo material e formal que será, ao mesmo tempo, garantia da identidade de sua estrutura e ponto de recuperação da diversidade do fenômeno. Para Stalin, como observamos, esta garantia e este ponto são dados pelo léxico e pela gramática:

“Assim o sistema gramatical da língua e o fundo essencial do léxico constituem a base da língua, a essência de suas particularidades específicas.” (p. 24)

Na verdade, a preocupação de Stalin com a linguagem é fundamentalmente missionária e didática: decifrar a multiplicidade do fenômeno pelo ecumenismo social de soluções unificantes e, em seguida, divulgar, pelo ensino, a norma gramatical estabelecida.

As diferenças sociais resolvem-se na língua por uma necessidade comum a todos os homens, a necessidade de comunicar. Esta, por sua vez, se explicará, para Stalin, evidentemente, em termos de equilíbrio, progresso e produção sociais:

“A troca das idéias é uma necessidade constante e vital, pois é impossível, de outro modo, organizar a ação dos homens na luta contra as forças da natureza, na luta para a produção de bens materiais necessários — é impossível realizar progressos na atividade produtiva da sociedade e, conseqüentemente, impossível a própria existência da produção social. Disto resulta que, sem uma língua inteligível para a sociedade e comum a todos os seus membros, a sociedade para a produção, desagrega-se e deixa de existir enquanto sociedade. Neste sentido, a língua, instrumento de comunicação, é, ao mesmo tempo, um instrumento de luta e de desenvolvimento da sociedade.” (p. 21)

Deste modo, para Stalin, sobre o indivíduo social, definido na história dos sistemas de produção e dos diferentes regimes de propriedade, paira o indivíduo lingüístico que, constituindo uma sociedade indiferenciada, encontra na razão comunicante a fórmula de uma história autônoma e independente.

Entretanto, para Stalin, à indiferença da língua, relativamente às diferenças de classe social, não corresponde, reciprocamente, a indiferença dos homens em relação à língua:

“Foi dito anteriormente que a língua como meio de comunicação entre os homens na sociedade serve igualmente a todas as classes sociais e manifesta, deste ponto de vista, uma espécie de indiferença pelas classes. Mas os homens, os diversos grupos sociais e as classes estão longe de ser indiferentes em relação à língua.” (p. 11)

O que significa esta dessimetria para ele?

Ou ela repõe a questão da autonomia da língua, negando o que já fora anteriormente afirmado, ou não é mais do que uma simples decorrência dessas afirmações.

A resposta é evidentemente dada pela segunda alternativa.

Não podendo deixar de reconhecer a diversidade do fenômeno lingüístico, o autor o faz recuperando o múltiplo do desvio na unidade do caminho. Apesar dos caracteres próprios dos diferentes falares de classe, estes não constituem, na expressão de Stalin, senão formas inferiores, "dialetos", "jargões", cuja explicação deve ser buscada apenas no poder centralizante da língua.

Assim, perguntado se é possível encarar estes dialetos como línguas ele responderá que não e fornecerá para tanto as seguintes razões:

"... primeiro porque estes dialetos e estes jargões não têm o seu próprio sistema gramatical, nem uma base léxica essencial — ele os tomam emprestados à língua nacional. Em segundo lugar, porque os dialetos e os jargões têm uma esfera estreita de circulação entre as camadas superiores desta ou daquela classe e não convém, de forma alguma, como meio de comunicação entre os homens, para a sociedade no seu conjunto." (p. 12)

Em seguida, caracterizando-os positivamente, dirá:

"O essencial /.../, isto é, a imensa maioria das palavras e o sistema gramatical é emprestado da língua nacional, da língua de todo o povo. Conseqüentemente, os dialetos e os jargões constituem ramificações da língua nacional comum a todo o povo, são privados de qualquer independência lingüística e condenados a vegetar." (p. 12)

Vê-se nestas passagens o quanto Stalin se apega à objetividade da língua e, ao mesmo tempo, o quanto esta objetividade é abstrata. Esta abstração pode ser entendida de duas formas. Ou está assentada em propósitos científicos cuja pretensão é determinar elementos, categorias, relações e regras capazes de explicar, no sistema que constituem, a multivocidade do fenômeno, ou a sua motivação é antes de tudo política e ideológica, o que não exclui, necessariamente, a primeira alternativa.

No caso de Stalin, as duas coisas parecem estar juntas, sobretudo por se tratar de um caso limite, no qual a defesa do conheci-

mento científico carrega, de modo bastante evidente, a defesa de posições ideológicas. De fato, não se pode esquecer que ele fala também e principalmente como dirigente político que detém o poder e cujas opiniões lingüísticas se deixam facilmente orientar pela concepção autoritária de Estado, que pratica.

Dizíamos, acima, que a sua concepção da linguagem é missionária e didática. Talvez que isto se esclareça melhor agora, já que seu objetivo fundamental é defender o Estado, que ele representa de forma categórica, contra as ameaças de um certo anarquismo político que se revela na concepção lingüística de seus adversários e principalmente na de Volochinov.

Daí a defesa de uma supra-sociedade comunicante e por isso obedientemente produtiva, capaz de superar as diferenças que caracterizam uma sociedade real e encontrar na língua a região ideológica privilegiada da neutralidade, que poderá fazer da linguagem uma simples alegoria do Estado todo poderoso.

Por isso, os dialetos são considerados, na expressão de Stalin, formas inferiores da língua e a gramática e o léxico, os pontos de identidade nacional para todas as variações. Na medida em que a gramática e o léxico são estáveis (as únicas mudanças são no sentido de seu próprio enriquecimento, como ele afirma), a língua se repete e harmoniza a voz do povo no comportamento padrão ditado pela norma.

Mas não está essa norma, ela própria, situada ideologicamente? Não é ela que, sob o disfarce da propriedade abstrata e comum desse objeto abstrato que é a língua, por parte desse sujeito também abstrato que é o povo, esconde as relações efetivas de dominação política e social de uma classe sobre a outra nas várias formas do capitalismo? Não tem ela a violência silenciosa dos códigos de conduta? Não guarda a língua, no atomismo dos elementos de sua construção, a garantia de sua própria longevidade, da mesma forma que o poder constituído procura garantir-se pela lógica de sua própria força?

Parece-me que o simples fato de pensar, pela língua, um social acima do social revela já uma visão da linguagem, que em nome da objetividade científica cria uma ilusão de propriedade comum a todos os homens. Esta ilusão deverá, entre outras coisas, dissimular a força de um poder centralizador e mascarar, particularmente no caso de Stalin, o sujeito real que efetivamente detém a posse da língua: o Estado.

Nesse sentido, as posições de Stalin quanto à isenção ideológica da língua são do mesmo modo ideológicas, ou até mais, já que

não se confessam. Esta ideologia se revela tanto mais conservadora quanto mais se apegue à objetividade indecomponível de elementos que, sejam eles fonemas, morfemas, semas ou unidades de significação, atestam todos uma visão reificante da linguagem.

Este processo de reificação, que será também responsável pela perda da dimensão de alteridade que, a meu ver, caracteriza a significação lingüística, se estenderá como manifestação do racionalismo positivista, ao grande desenvolvimento da lingüística no século XX, de Saussure e o estruturalismo até Chomsky e o transformacionalismo. Se ampliarmos um pouco o domínio das críticas de Bakhtin (Volochinov), o que orienta esta tendência do pensamento na filosofia da linguagem pode ser resumido em quatro princípios básicos:

"1. A língua é um sistema estável e imutável de formas lingüísticas normativamente idênticas que a consciência individual encontra já elaborado e que lhe é apresentado como indiscutível.

"2. As leis da linguagem são as leis especificamente lingüísticas de conexão entre os signos lingüísticos dentro de determinado sistema lingüístico fechado.

"3. As conexões especificamente lingüísticas nada têm em comum com os valores ideológicos (artísticos, cognitivos ou outros). Os fenômenos da língua não se fundamentam em motivos ideológicos. Entre a palavra e seu significado não existe conexão de tipo natural e compreensível para a consciência, nem de tipo artístico.

"4. Os atos individuais de fala, do ponto de vista da língua, são meras refrações e variações fortuitas ou simples distorções das formas normativamente idênticas; mas são precisamente estes atos de discurso individual que explicam a mutabilidade histórica das formas lingüísticas, mutabilidade que do ponto de vista do sistema da língua, é em si mesma irracional e carente de sentido. Não há conexões nem motivos comuns entre o sistema da língua e sua história. São mutuamente estranhos." (p. 57)

Se nossas observações sobre a entrevista de Stalin forem justas, não será difícil perceber o quanto suas concepções a respeito da língua se enquadram na caracterização que Bakhtin (Volochinov) faz do objetivismo abstrato.

É interessante observar que, ao criticar esta maneira de conceber a linguagem, Bakhtin (Volochinov) se dirija explicitamente não só a Saussure e a Bally, entre outros, como representantes maiores da tendência no século XX, mas também às gramáticas

racionalistas dos séculos XVII e XVIII, e ainda a Leibniz, o que, de certo modo, equivale dizer à concepção da gramática universal.

Posto desta forma, poder-se-ia pensar que Bakhtin (Volochinov), criticando o idealismo do objeto, cai na contrapartida do idealismo do sujeito e no elogio do individualismo expressionista de Karl Vossler e seus discípulos.

Bem ao contrário, a teoria da expressão lingüística, caracterizada dentro da tendência a que chama "subjativismo individualista" será também objeto de suas críticas. Para o "individualismo subjativista", segundo Bakhtin (Volochinov), "as formas idênticas a si mesmas que abarcam o imutável sistema de língua (*ergon*), representam apenas a correnteza inerte do real processo gerativo da linguagem, da sua verdadeira essência, realizada no ato de criação individual e irreproduzível" (p. 56). Deste ponto de vista, o estilo é que é criador e não a gramática e do mesmo modo que existe um gosto artístico ou um gosto literário deverá também haver um gosto lingüístico.

Recusando tanto o psicologismo que fundamenta esta tendência quanto o sociologismo de Saussure e o racionalismo formalista que, de modo geral, caracterizam as manifestações do "objetivismo abstrato", Bakhtin (Volochinov) entende que "a verdadeira realidade da linguagem não é nem o sistema abstrato de formas lingüísticas, nem a fala monologal isolada, nem o ato psicofisiológico de sua realização, mas o fato social da interação verbal que se realiza em um ou mais enunciados." (p. 94).

Deste modo, é a interação verbal que constitui a realidade fundamental da linguagem, e o diálogo, num sentido amplo, a forma mais plena de sua realização:

"Todo enunciado, escreve Bakhtin (Volochinov), por mais significativo e completo que possa ser, é apenas um momento no processo contínuo da comunicação verbal." (p. 95).

Este dinamismo da linguagem faz com que só se possa entender a palavra como um ato de duas faces, no sentido de que é determinada tanto por quem a emite como por aquele para quem é emitida:

"Cada palavra, diz ainda Bakhtin (Volochinov), expressa o *um* em relação com o *outro*. Dou-me forma verbal do ponto de vista do outro e em definitivo, do ponto de vista da comunidade a que pertença. Uma palavra é uma ponte estendida

entre o *eu* e o *outro*. Se um extremo da ponte se apóia em mim, então o outro se apóia em meu interlocutor. Uma palavra é um território compartilhado pelo emissor e o receptor, pelo falante e seu interlocutor.” (p. 86)

O contínuo processo de interação social que, deste modo, está efetivamente na base de todo processo de interação verbal impede que a significação lingüística se exponha como mera identidade lógica e formal de sinais, e faz com que se apresente como um signo cujo entendimento está não em reconhecer-lhe a identidade mas em compreender-lhe a novidade.

Tanto ao destinador como ao destinatário o que verdadeiramente importa da forma lingüística não é o seu caráter estável mas o seu caráter de signo adaptável e cambiante.

Para Bakhtin (Volochinov), ao contrário do signo, um sinal é “um objeto singular, fixado internamente, que não aparece em lugar de outra coisa, não reflete nem refrata nada e que constitui apenas um meio técnico para indicar um objeto fixo e definido, ou uma ação também fixa e definida.” (p. 68)

Por isso, o sinal nunca se relaciona com o domínio do ideológico mas sim com o mundo dos artefatos técnicos, com os instrumentos de produção, no sentido amplo do termo.

Todo enunciado tem a sua significação mediada sempre pelas vozes que já o povoaram e pela orientação discursiva que estabelece no momento mesmo em que é proferido. É o enunciado como um todo que constitui a verdadeira unidade de significação lingüística. Como totalidade ele só se realiza no fluxo do intercâmbio verbal. A totalidade, por sua vez, se define por seus limites e estes seguem a linha de contato entre um enunciado dado e o meio verbal, constituído por outros enunciados e a situação discursiva na qual se dá a sua produção.

Por isso, Bakhtin (Volochinov) insiste no caráter ideológico do signo lingüístico e recusa o que ele próprio chama “a ficção da realidade literal de uma palavra”, bem como critica o formalismo lingüístico, por considerá-lo manifestação do pensamento conservador.

No primeiro caso, afirmando que há tantas significações para uma palavra como contextos para seu uso, aponta para o processo de reificação a que estão sujeitas, quando se pretende, como faz o objetivismo abstrato, entendê-las como algo fixo e inerte que se separa da multiplicidade de suas significações, percebidas, então, como simples conotações ocasionais de um único sentido fixo.

No caso do formalismo e da sistematicidade, dirá que o que os caracteriza, de modo geral, é o fato de se sustentarem sempre do pensamento alheio:

“Os verdadeiros criadores, os iniciadores de novas correntes ideológicas nunca são sistematizadores formalistas. A sistematização entra em cena numa época que se atribui o domínio de um corpo pré-fabricado e herdado do pensamento autoritário. Tem que ter sido precedida por uma época criativa; então, e só então, começa a sistematização formalista, empresa típica de herdeiros e epígonos que se consideram na posse da palavra, agora muda, de algum outro. A orientação no fluxo dinâmico de processo gerativo nunca pode ser de caráter formal e sistematizador. Por isso, o pensamento gramatical formal e sistematizador só pode alcançar o seu máximo desenvolvimento e poder sobre a matéria de uma língua morta, estranha, e somente se esta língua já perdeu, em grau considerável, sua potência efetiva, seu caráter sacrossanto e autoritário. Em relação à língua viva, o pensamento gramatical sistemático deve adotar inevitavelmente uma posição conservadora, deve interpretar a língua viva como se já estivesse acabada e perfeita e por isso ver com hostilidade qualquer tipo de inovação.” (p. 78)

Parece que a história do desenvolvimento da lingüística no século XX não se furtou a realizar o quadro acima desenhado. Todos conhecemos a afirmação de Saussure de que a língua é uma álgebra que não teria senão termos complexos. Sabemos também que o estruturalismo se apegou apaixonadamente a essa fórmula, embora a sua plena realização não viesse a se dar senão mais tarde com a sofisticação matemática do instrumental analítico empregado pelo transformacionalismo, a partir de Chomsky.

É interessante observar que o próprio Stalin na entrevista ao *Pravda* compara a gramática à geometria:

“A gramática lembra a geometria que constrói suas leis fazendo abstração dos objetos concretos, considerando-os como corpos desprovidos de um caráter concreto e definindo as relações entre eles não como relações concretas de tais e tais objetos concretos, mas como relações entre corpos em geral, desprovidos de todo caráter concreto.” (p. 22)

Obviamente, os méritos científicos de Stalin, de Saussure e de Chomsky terão pesos diferentes. Fica, no entanto, como sugere-

tão do que até agora se disse, a vocação comum de todos, também realizada em graus bastante diversos, para a concepção da linguagem humana como produto acabado e disponível aos diferentes usos e abusos, e cuja essência se dá neste objeto fechado, circular e autônomo que alguns chamam língua e outros competência, mas que todos erguem como estandarte da identidade e da unificação do múltiplo.

Entre o estruturalismo e o transformacionalismo há diferenças consideráveis. Não insistirei sobre elas. Apontarei apenas para o fato de que no primeiro caso a concepção de língua busca sua base no social, enquanto que no segundo caso privilegia-se o indivíduo, já que este deve nascer dotado das condições que lhe permitirão o exercício da fala.

A atividade lingüística para o estruturalismo deve, em todos os casos, obedecer ao sistema da língua, diante do qual o indivíduo é passivo. Ao contrário, no transformacionalismo de inspiração chomskyana, na medida em que busca apoio na tradição racionalista das gramáticas filosóficas, a atividade lingüística se inscreve no indivíduo como o sistema de regras — a sua competência lingüística — que lhe permitirá o exercício infinito e livre da fala, ou da produção de frases.

Deste modo, num caso a língua limita e aprisiona, porque restringe; noutro, porque feita de restrições, liberta, já que o exercício desta liberdade só é possível graças às condições que caracterizam a competência lingüística do indivíduo.

Entretanto, tanto o pessimismo estruturalista que vê o indivíduo aprisionado no social, pela língua, como o otimismo chomskyano que vê a língua como o lugar privilegiado da liberdade do homem operam com ficções tornadas objetivas graças ao alto grau de abstração que as caracteriza.

O social e o individual como abstrações acabam por nivelar o homem na ilusão de uma igualdade, também abstrata, que no estruturalismo se mostra como escravidão, e no transformacionalismo como liberdade, mas que, tanto num caso como no outro, só pode ser estabelecida pela busca de uma essência, de um objeto que encontrado oferecerá então a revelação da verdadeira natureza da linguagem. É em nome desta natureza lingüística do homem que se poderá continuar defendendo a indissolubilidade da natureza humana.

Na verdade, tanto o supra-individual como o supra-social não passam de alegorias deste objeto único e indecomponível, partilhado abstratamente por todos os homens e que nele encontram

a última essência de sua igualdade, de sua fraternidade e de sua liberdade.

Parece-me, pelo que até agora dissemos, que o texto de Stalin também acredita nesta essência.

Como se chega a ela?

O caminho que para aí conduz, o método que a possibilita é também a fortaleza que a defende: o espírito de análise.

Sartre na “Apresentação” da revista *Les Temps Modernes*⁴ diz que a classe burguesa pode ser definida intelectualmente pelo emprego que faz do espírito de análise.

Dois postulados o governam:

1. Todos os compostos devem necessariamente reduzir-se a uma ordenação de elementos simples;
2. Os últimos termos da decomposição guardam inalteravelmente suas propriedades essenciais, tanto se entram num composto como se existem em estado livre. (p. 13)

Num primeiro momento, segundo Sartre, o analitismo foi para a burguesia uma arma de ataque contra o Antigo Regime, pois do mesmo modo que passou a haver uma natureza imutável do oxigênio ou do hidrogênio, uma natureza imutável do homem passou também a existir. No esplendor do poder ou no anonimato da miséria, o homem passa a ser fundamentalmente idêntico a si mesmo, como o círculo é o círculo, ou como o átomo de oxigênio que combinando-se com o de hidrogênio para fazer a água ou com o de nitrogênio para fazer o ar, mantém a sua estrutura interna inalterável.

Refugiada nos termos últimos da decomposição, a realidade se solidifica e objetiva e “na sociedade que concebe o espírito de análise, como ainda diz Sartre, o indivíduo, partícula sólida e indecomponível, veículo da natureza humana, reside como uma ervilha em uma lata de ervilhas: redondo, encerrado em si mesmo, incomunicável.” (p. 13-14)

O que significa, neste sentido, afirmar a igualdade de todos homens? Apenas que eles participam igualmente da essência do homem. A sua fraternidade é também uma relação passiva que se dá com base nesta mesma essência, e, finalmente, a sua liberdade

⁴Faço as citações e referências a este texto de Sartre pela edição em espanhol do livro *Que es la literatura?*, onde esta “Apresentação” é retomada. Cf. Sartre, J. P., 1969, p. 7-23.

nada mais é do que o direito circular de ser homem, isto é, de participar livremente da própria essência que o constitui.

Quase dois séculos depois, sempre segundo Sartre, o analitismo continua a caracterizar o comportamento intelectual da burguesia. Agora não mais como arma de ataque, mas de defesa, garantindo-lhe a longevidade da dominação social e política sobre as outras classes, cuja existência ela tende a negligenciar em nome da natureza humana.

Quando na lingüística se assume a atitude que pretende, através de esquemas analíticos, chegar ao reduto indecomponível da natureza da linguagem, quer seja um dirigente político que o faça, como no caso de Stalin, quer sejam linguistas de renome, como Saussure e Chomsky, o risco que se corre não é apenas o que se apresenta sob a forma do artefato simples, transparente e elegante que se construiu para simular o fenômeno e que tende a substituí-lo, matando-o.

Há também um prêmio.

É que sob o disfarce da sociedade comunicante, ou sob a máscara do indivíduo ideal, modeladamente dotado deste bem comum a todos os indivíduos, que é a língua, esconde-se o talismã ideológico da mesma atitude intelectual que contribuindo para levar a burguesia ao poder, nele a conserva e a abençoa.

Campinas, julho de 1977